



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS - IDA  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS - VIS  
GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA DA ARTE

**EMANUELLE SANTOS FEITOSA**

**IMAGEM DA CRUZ: o lugar da Cruz  
na Igreja Batista Vale de Benção em Brasília-DF**

**BRASÍLIA  
2022**

**EMANUELLE SANTOS FEITOSA**

**IMAGEM DA CRUZ: o lugar da Cruz  
na Igreja Batista Vale de Benção em Brasília-DF**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado como parte dos requisitos básicos para o curso de graduação em bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Mattos Clen Macedo

**BRASÍLIA  
2022**

## FICHA CATALOGRÁFICA

FEITOSA, Emanuelle Santos. IMAGEM DA CRUZ: O lugar da Cruz na Igreja Batista Vale de Benção em Brasília-DF. Maio de 2022. 41 páginas. Instituto de Artes Visuais – IDA, Universidade de Brasília – UNB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília. UnB/IDA/VIS

# **IMAGEM DA CRUZ: o lugar da Cruz na Igreja Batista Vale de Benção em Brasília-DF**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado como parte dos requisitos básicos para o curso de graduação em bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Adriana Mattos Clen Macedo

## **Membros da Banca Avaliadora**

---

Orientadora: Professora Dra. Adriana Mattos Clen Macedo (IDA/UnB)

---

Professor Dr. Gustavo Lopes (IDA/UnB)

---

Professora Dra. Maria do Carmo Couto (IDA/UnB)

*Dedico àquele que dirigiu meus passos ao longo do meu projeto de caminho.*

*(adaptação de Provérbios 16: 1)*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por me conceder a graça de não só adentrar à Universidade, mas de adquirir o conhecimento necessário para a realização deste trabalho para honra e glória d'Ele.

Aos meus pais e irmãos, por me escutarem todas as noites sobre minhas aflições e desejos, por guiarem meus passos durante toda a minha vida, para ser quem Deus quer que eu seja.

As minhas amigas Jéssica Dourado e Graziella Vitoriano, por estarem comigo durante os anos de graduação, sempre me apoiando e me fazendo superar cada disciplina.

A minha orientadora, Adriana, por ser a primeira a acreditar em mim e me ajudar a começar os meus passos na pesquisa em arte.

Aos professores Gustavo Lopes e Emerson Dionisio, por confiarem que eu venceria as minhas próprias barreiras, seguindo no curso e na pesquisa.

Ao pastor Frederico Fragonard, pela gentileza em me atender e me fazer conhecer a história da Cruz.

A todos os professores, alunos, funcionários e servidores que estiveram presentes ao longo destes anos na Universidade. À Universidade de Brasília, por me tornar resiliente em meio ao caos.

“Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos;(...)”

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar a Cruz presente na Igreja Batista Vale de Benção-DF, conceituando a Cruz como um signo sagrado para seus fiéis, apesar da iconoclastia teológica, e a partir do método iconográfico e iconológico de Erwin Panofsky. Utilizando-se de teóricos como James Elkins e Hans Belting, identifica-se o problema da pesquisa como uma igreja teologicamente iconoclasta possuir um signo de uma cruz em sua arquitetura. A metodologia aplicada promoveu uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, voltada para o estudo de caso. Verificou-se a partir da teoria analisada, a importância da investigação dos fenômenos artísticos e religiosos que envolvem a história da arte no campo da religião protestante no Brasil e a contribuição para futuras pesquisas.

**Palavras-chave:** Cruz; Iconoclastia; Igreja Protestante; história da arte; Erwin Panofsky;

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Work aims to analyze the Cross present in the Baptist Church of Vale de Benção-DF, conceiving the Cross as a sacred sign for its faithful, despite the theological iconoclasm and form the iconographic and iconological method by Erwin Panofsky. Using theorists as James Elkins and Hans Belting, identify the problem of research as an theologically iconoclastic church has a sign of a cross in its architecture. The applied methodology promoted qualitative and bibliographic research, focused on the case study. It was verified from the analyzed theory, the importance of the investigation of artistic and religious phenomena that involve the art history in the field of protestant religion in Brazil and the contribution to future research.

**Keywords:** Cross; Iconoclasy; Protestant Church; art history; Erwin Panofsky;

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>11</b>
Introdução.....	12
Memorial.....	14
<b>Capítulo 1 Revisão da bibliografia sobre o tema.....</b>	<b>16</b>
1.1 Hans Belting, James Elkins, Erwin Panofsky e Mary Christine Barker.....	21
1.2 A união dos quatro pilares.....	22
1.3 Impeditivo Constitucional.....	23
1.4 Impeditivo Teológico.....	24
1.5 A Igreja Batista no Brasil.....	24
<b>Capítulo 2 Análise da Cruz na fachada da Igreja a partir de Erwin Panofsky... </b>	<b>25</b>
2.1 Imagens em outras Igrejas.....	25
2.2 Análise iconográfica e iconológica da cruz.....	29
<b>CAPÍTULO 3 - Imagem da cruz: A cruz para além da obra de arte.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b>	Logotipo Institucional da Igreja do Evangelho Quadrangular	24
<b>Figura 2:</b>	Foto da fachada da Igreja Metodista de Rudge Ramos, SBC, São Paulo	25
<b>Figura 3:</b>	Foto da Igreja Batista Vale de Bênção DF - 2017	28
<b>Figura 4:</b>	Foto da Identidade Visual da Igreja Universal do Reino de Deus	30
<b>Figura 5:</b>	Foto da Placa de Identificação da Igreja Batista Vale de Bênção no Areal-DF - 2017	31
<b>Figura 6:</b>	Foto da Igreja Batista Vale de Benção DF - 2021	34

## Introdução

Inicialmente, gostaria de estabelecer algumas considerações nesta pesquisa: Ao abordar a religião, foco especialmente na religião judaico-cristã, de vertente protestante, no contexto brasileiro, onde a maioria da população é cristã<sup>1</sup> (católica e evangélica) e possui inúmeras denominações diferentes da religião sendo criadas diariamente no Brasil. Ainda que o objeto de estudo esteja em uma Igreja Batista, é importante lembrar que cada congregação segue seu estatuto e não necessariamente adotará todas as convicções da Igreja Batista Matriz, vinda para o Brasil no século XIX.

A Bíblia Sagrada que utilizo no decorrer deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) será a Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada da Editora Paulus, 13ª reimpressão de 2019, por considerar uma edição idônea no assunto a ser abordado, além de ser uma boa tradução do texto original.

Uma das características que menciono, é a abordagem teológica da **Iconoclastia**<sup>2</sup>, onde, para as Igrejas Históricas<sup>3</sup>, é proibido qualquer tipo de imagem (lê-se imagens de Santos ou de Jesus Cristo), e se faz comparação com a presença de imagens na Igreja Apostólica Romana, inclusive em tom de condenação.

Para Serra (2004), fazem parte do protestantismo histórico as Igrejas oriundas da Reforma Protestante (1517). Possuíam característica fundamentalista, expandindo-se de forma imigratória ou missionária. São elas: Igreja Anglicana,

---

<sup>1</sup> Censo de 2010, Religião (IBGE, 2010).

[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)

<sup>2</sup>Iconoclastia é o ato de destruição de imagens (FREEDBERG, 2021, p. 9).

<sup>3</sup> “As igrejas protestantes históricas são aquelas consideradas como herdeiras mais diretas da Reforma como, por exemplo, os luteranos, metodistas, presbiterianos e batistas.” (GONÇALVES e PEDRA, 2017, p. 72)

Igreja Luterana, Igreja Presbiteriana, Igreja Metodista, Igreja Congregacional e Igreja Batista.

Para a Igreja Batista Vale de Bênção (2005) [Figura 3], Ministério Pr. Jackson Lira (desde 1982) localizada no Areal-DF, segundo o pastor em vigor desde 2011, Frederico Fragonard, a Cruz é permitida, pois é uma simbologia cristã, utilizada por outras vertentes da religião e não possui figuras humanas.

A Igreja Batista Vale de Bênção se encontra na Região Administrativa (RA) conhecida por Areal, no Distrito Federal. Inicialmente, como uma invasão da Região Administrativa de Taguatinga, a área foi regularizada em 1989, com quadras pares, conforme Graciete Costa (2011) descreve onde “O Bairro Águas Claras, em 1984, era um antigo setor de áreas complementares de Taguatinga, que surgiu para resolver a fixação da invasão do Areal.” (COSTA, 2011, p. 217).

Hoje, como parte da Regional Administrativa-XX de Águas Claras e Arniqueiras, a RA XX do Areal se encontra ao lado de Taguatinga Sul. Com o nome de Vereda da Cruz, a Avenida onde se localiza o objeto desta pesquisa, possui uma conexão com a Igreja Batista Vale de Bênção.

A história da construção da Igreja é contada oralmente, por não possuir registros de quem realizou o projeto e quem concretizou a construção da Igreja. A ausência destes documentos não retira o conhecimento passado pelo atual pastor da Igreja, Frederico Fragonard, de que a Igreja foi pensada pelo fundador da denominação, pastor Jackson Lira. O pastor Lira, como revela o pastor Fragonard, ao visitar os Estados Unidos, avistou uma igreja com a construção de sua entrada semelhante a da Igreja Batista Vale de Bênção, e isto o fez reproduzir aqui no Brasil.

Para a Igreja Batista Vale de Bênção, a presença da Cruz vazia não interfere na crença de que não se deve adorar imagens. Esta Cruz, para a congregação, não é objeto de adoração, veneração ou culto, é um objeto de identificação do templo cristão, que lembra o significado da Cruz.

João Calvino<sup>4</sup> (1509 - 1564) em *As Institutas* Vol. 1, observa em seu capítulo XI “É uma abominação atribuir forma visível a Deus, e geralmente se apartam do Deus Verdadeiro quantos estabelecem ídolos para si” (CALVINO, 2006, p. 111) que o culto que católicos rendem às suas imagens é “serviço à imagem”, negando ser

---

<sup>4</sup> João Calvino (1509-1564) foi um teólogo francês, cérebro da Reforma e sistematizador das doutrinas reformadas. Em 1533, declarou-se protestante e teve de fugir de Paris em virtude da inesperada perseguição. (LOPES, 2018, p. 53)

“adoração de imagem”. Por isso, julgam-se inculpáveis por serem servos e não adoradores (CALVINO, 2006, p. 111).

Esta distinção, para os protestantes, é o que separa a utilização de símbolos cristãos na Igreja. O Protestante não os utiliza por considerar que a lei do decálogo em Êxodo 20:4 ainda vale e proíbe o uso das imagens. Ainda assim, cristãos utilizam símbolos em suas igrejas, como será observado ao longo deste texto, porém, sem atribuição de solicitações às imagens, como orações e súplicas. Estabelecido isto, vamos ao início da pesquisa.

## **Memorial**

Sempre me interessei por objetos de pesquisa que não estavam sendo analisados por outros pesquisadores. Certamente, na universidade, o ideal é que se traga novidades, novas abordagens e novas perspectivas para os campos de estudos das diferentes áreas do conhecimento. Portanto, continuei, ao longo da graduação, à procura de um objeto que me interessasse e fossem passíveis de pesquisa, o que não é algo tão fácil.

Após me aventurar por dois campos de pesquisa, a arte neomedieval russa e o patrimônio quilombola, percebi que algo ainda não tinha me chamado atenção o suficiente para que eu desenvolvesse ali, uma pesquisa mais elaborada, ao ponto de se tornar um Trabalho de Conclusão de Curso, por exemplo.

Esta pesquisa não surgiu de debates ou de conteúdos lecionados na sala de aula na Graduação, mas de interesse oriundos da convivência teológica social que me envolvi desde a tenra idade, participando de comunidades evangélicas, em sua maioria, Igrejas Evangélicas Pentecostais no entorno do Distrito Federal.

Toda esta curiosidade teológica não vem de um senso comum, mas é fruto de um cientificismo teológico devido meus pais serem teólogos e minha infância ser promovida por um acervo considerável de dicionários e livros teológicos densos.

Ao longo da vida, nunca obtive muita resistência à dor, incluindo até a imaginação da possibilidade de sentir dor. Porém, como parte da vida, a dor sempre se fez presente. Eis que um certo dia, em 2017, eu me cortei com um caco de vidro. Na época, como possivelmente seria agora, aquilo se tornou decepcionante.

Morava em Águas Claras, Região Administrativa de Brasília, e lá, ao menos ao meu saber, não existia nenhum posto de atendimento de saúde pública que eu

pudesse ser atendida. Visto a primeira dificuldade, decidi que deixaria meu corpo lidar sozinho com a dor e com o objeto intruso.

Como eu não conseguia tirar o vidro sozinha e ainda estava resistindo a ir ao posto de atendimento de saúde pública, meu pai resolveu intervir. Sabendo que eu não iria sozinha, ele me fez ir junto com ele para o médico, retirar aquilo que tanto me incomodava. Isto levou um certo tempo para acontecer, ousou admitir.

Em prantos, antecipadamente, imaginando a dor, o corte, a provável, mas nem tão certa cicatriz, incluindo o possível sermão do médico pela demora, fui ser atendida com meu pai, que se recusou a me acompanhar, pois estava rindo da situação do lado de fora da sala de atendimento. Mas, sim, estava esperando que eu enfrentasse meu problema.

Acontece que, no caminho de casa até o posto de atendimento de saúde pública, meu pai seguiu pela Avenida Vereda da Cruz, no Areal, bairro, também, região administrativa de Brasília, logo ao lado de Águas Claras. Nesta Avenida, avistei algo que perdurará em minha mente pelos próximos anos.

Por um lapso de segundo, meus olhos observaram uma Cruz se formar e se desfazer. Atônita, esqueci-me da dor e fiquei imaginando o que seria aquilo que teria visto? De que forma foi feita? Por que seria vermelha? Por que ela teria se feito e desfeito em determinado ângulo que meus olhos encontraram? Começava, então, meus questionamentos de historiadora da arte.

A cruz possui a unicidade de se formar a cada olhar, a partir de certa perspectiva. Esta escolha arquitetônica destaca a igreja de outras que também possuem símbolos em sua fachada. A cruz também se diferencia das demais igrejas batistas.

Passando pela mesma avenida na volta para casa, pude ver melhor aquela Cruz que capturou meus pensamentos. Se tratava de uma Igreja. Seria Católica? Provavelmente, já que havia uma Cruz na fachada, e este era o primeiro sinal que eu utilizava para identificar uma Igreja Católica. A placa, logo ao lado, estava desgastada pelo sol, portanto, não consegui ler.

Levou-se alguns meses para que eu tomasse a coragem de ir até a Igreja. Passando em frente a ela vez ou outra, recolhia, aos poucos, informações sobre a Cruz e sobre a Igreja. Determinada vez, avistei que se tratava de uma Igreja Batista, o que já revogou meu pensamento anterior de se tratar de uma Igreja Católica. Um tempo depois, vi que a Igreja não aparentava possuir o formato da planta em Cruz,

mas sim em retângulo.

Em outro momento, avistei o nome completo da Igreja: Igreja Batista Vale de Bênção. Ao seguir para as disciplinas finais do curso, comecei a desenvolver o projeto que seria meu trabalho de conclusão de curso. Ali obtive a premissa de ir a Igreja conhecer um pouco mais sobre a mesma, e, enfim, sanar os meus questionamentos.

Em um domingo de culto, decidi que conheceria o templo. O culto era em torno de 19 horas. O pastor em vigor na época e até o momento desta pesquisa, era o Pastor Frederico Fragonard. Esperei o culto terminar para me aproximar do pastor, que me contou um pouco sobre a Igreja e a Cruz, e eu prometi que voltaria para desenvolver melhor a pesquisa.

Com um hiato de dois anos, a Cruz e a Igreja continuaram em meus pensamentos, mas sem ter, de fato, a concretização da pesquisa tal como ao ver aquela Cruz se formar. Já em 2019, continuei a criação de perguntas que ainda martelavam sobre a Cruz, e de que forma essas perguntas poderiam se tornar um trabalho de conclusão de curso.

## **Capítulo 1. Revisão da bibliografia sobre o tema**

Ser ou não obra de arte pode influenciar na percepção da Imagem, mas pelas instâncias necessárias para que algo se torne obra de arte, a Imagem já está a um passo de ser objeto artístico, especialmente, as que seguem características já estipuladas como exigidas em determinados âmbitos artísticos, tais como técnicas, estilos e teorias específicas para, por exemplo, inserir uma obra em um movimento artístico.

Tais características são selecionadas em significância com o movimento, a partir da técnica e escolhas que o artista pode fazer ao produzir sua obra. Os historiadores da arte analisam a obra e suas características, a ponto de verificar se a mesma se encontra nas limitações de determinado movimento.

Essas escolhas vão desde a escolha de cores até a técnica utilizada, assim como também, o gênero da obra. O método de análise de uma obra de arte, a partir de seu histórico estilístico cultural, é desenvolvido pelo historiador da arte Erwin Panofsky em seu livro *Significado nas Artes Visuais* (2012).

Panofsky diz que a experiência interior de um historiador da arte não é livre,

possibilitando que o mesmo descreve suas impressões pessoais acerca de uma obra de arte (PANOFSKY, 2012, p. 40), permitindo que uma análise subjetiva seja feita, onde os diversos aspectos da validação do objeto artístico entram em ação.

Entretanto, a Imagem também possui território pouco explorado na história da arte, no que diz respeito à conexão da Igreja Protestante Brasileira. Quando visualizamos uma imagem e não sabemos se a mesma é ou não é uma obra de arte, levamos em consideração algumas das questões abordadas pelo historiador da arte, Erwin Panofsky. Precisamos investigar a Imagem a fundo, para determinar seu lugar de pertencimento. Ainda que a Imagem esteja em um ambiente do sistema da arte, tal qual a Galeria de Arte ou o Museu, podemos questionar o pertencimento a este espaço.

A Cruz pode se tornar uma Imagem quando se encontra em uma pintura, é realizada em uma escultura, ou outro artifício artístico. Decerto que, se a Cruz se encontra em um ambiente não abordado pela história da arte, inicia-se um novo questionamento pelo campo não ter sido explorado. Precisamos de quais validações para tornar a Imagem uma obra de arte?

Hans Belting<sup>5</sup> em *A Verdadeira Imagem* (2011), discorre acerca da cruz:

A cruz era um signo/sinal exclusivo, que só os Cristãos consideravam e tinham de considerar como sagrado: remetia para o corpo de Jesus, que outrora nela estivera suspenso. O corpo podia permanecer invisível e, portanto, subtrair-se à imagem, porque era evocado neste signo. (BELTING, 2011, p. 147)

Se para Belting a cruz possui tal referência para os cristãos, a história da arte deve levar em consideração esta importância não só teológica, mas também cultural.

Uma cruz vista em uma Igreja, logo se remonta a tradição visual de cruzes em Igrejas, o que se relaciona com a Igreja Apostólica Romana. É bastante plausível que a Cruz se encontre no ambiente cristão, mas quais vertentes a aceitam? E como saber se a Cruz, neste ambiente, encontra-se de acordo com a tradição cristã de determinada vertente teológica?

Em outras palavras, precisamos que a Igreja que possui a Cruz valide sua escolha da Cruz, seja ela vazia ou com o corpo de Jesus Cristo, para

---

<sup>5</sup> Hans Belting (1935) é um historiador da arte alemão especialista em arte medieval, renascentista e sobre o período da Reforma Protestante, bem como sobre a teoria da Imagem e arte contemporânea.

compreendermos a imagem da Cruz? A história da arte coloca alguns artifícios para essa compreensão da Imagem. A tese de um historiador da arte pode ser utilizada para a validação de uma Imagem como obra de arte, a partir de suas características e métodos antes utilizados para a mesma forma de atestamento?

É de suma importância sublinhar que a Cruz em questão está em um ambiente que vê a Iconoclastia como algo permitido pela teologia cristã, mas não a realiza por alteração na interpretação da forma com que se visualiza a mesma. Não seria lógico produzir uma imagem na fachada de sua Igreja e destruí-la, se esse fosse o caso. Há de se ressaltar que a Cruz, objeto de estudo desta pesquisa, pode ou não ser definida como Imagem, ou seria então, obra de arte?

As diferenciações na fachada e na planta de igrejas protestantes e igrejas católicas também vai de encontro com a necessidade na liturgia. A liturgia dos cultos protestantes e católicos é diferente, considerando também a vastidão de liturgias dentre as denominações protestantes, aqui no Brasil.

As necessidades e escalas de importância de figuras, vão interferir na construção do templo. Também será um diferencial, os estilos arquitetônicos que perpassam a história do país, como o movimento modernista e sua influência em igrejas brasilienses.

Este objeto, a Cruz da fachada da Igreja Batista Vale de Bênção, é analisado na iconoclastia teórica e prática da Igreja em questão, a partir da história da arte brasileira. Ainda que não haja intenção de destruição da Cruz por parte da comunidade em que ela se encontra, a vertente protestante não reconhece a legitimidade de imagens em seus templos.

Procuro também conceituar a Cruz como objeto máximo de representação de um momento importante para os fiéis, que seria a crucificação de Jesus Cristo, o Deus adorado por Cristãos. Esta Cruz que ativa a compreensão do fiel para o evento da morte de Jesus Cristo, é destaque tanto na Igreja Católica quanto na Igreja Protestante.

É importante ressaltar a diferença entre a cruz da Igreja Batista Vale de Bênção e um crucifixo. O crucifixo é um elemento simbólico católico, adotado por exemplificar a morte de cruz de Jesus Cristo.

No próximo capítulo, identifico a Cruz como elemento imagético que se aproxima de uma representação do objeto religioso, aproximando na análise, a iconografia da Imagem da Cruz, para então compreender a Cruz em sua amplitude

de atuação imagética para com os fiéis e a comunidade que cerca a congregação protestante e sua importância para o campo de estudo da Arte, que aborda a arte no ambiente protestante.

Do ponto de vista da história da arte formal, a Cruz é um elemento visual de baixo relevo, com a tonalidade vermelho sangue em quatro faixas vazadas, que se encaixam em determinado ângulo da perspectiva do olhar do observador, formando então, uma Cruz.

Esta Cruz vermelha muito se aproxima de diversas cruzes presentes não só em igrejas protestantes e apostólicas romanas, mas em outros ambientes de crenças diferentes e não-religiosos também. Pode-se dizer que é uma cruz comum como qualquer outra cruz, a não ser pela forma em que ela se concretiza. Seu formato é de Cruz Latina (PASTRO, 2010, p. 206).

E qual seria o diferencial desta Cruz, que a tornaria passível de pesquisa? Acredito que seja justamente o modo em que a mesma se forma: a criação da Cruz pela perspectiva do olhar.

É evidente que olhar para a cruz, a depender de que seja, pode sugerir várias vertentes de pensamento diferentes: um cristão terá um olhar diferente de um historiador da arte. Assume-se que os dois indivíduos possuem um histórico distinto para com a cruz.

Ora, não é o olhar sobre a obra que a torna arte? Meu esforço aqui é ir de encontro a perguntas que possam ser solucionadas no próximo capítulo e então, concluídas no terceiro. E quais perguntas seriam necessárias para seguirmos adiante? Almejo abordar, pela teoria do historiador da arte Erwin Panofsky, as evidências artísticas da Cruz que a tornam um objeto de interesse.

Panofsky acredita que “nem sempre a obra de arte é criada com o propósito exclusivo de ser apreciada” (PANOFSKY, 2012, p. 30), e se podemos considerar este o caso da cruz da Igreja Batista Vale de Benção. Questiona-se o que a cruz pode contribuir ao ser analisada pela história da arte.

Discuto aqui a possibilidade de não só a Cruz ser estudada, mas também, ser inserida em um campo de pesquisa específico. A Cruz também é estudada na simbologia e na história da arte sacra. Do ponto de vista de historiadora da arte, considero que a Cruz possui elementos que a história da arte deve abordar em uma nova categoria: a Arte Protestante Brasileira.

A pesquisadora Mary Christine Barker categoriza a Arte Protestante em sua

tese de doutorado em Filosofia da Arte na Universidade de Auckland em 2010 como (2010, p. 26) “...obras de arte protestantes que focam na palavra de Deus, como foram escritas na Bíblia e promulgadas do púlpito.”.<sup>6</sup> Em seu trabalho, Barker também afirma que Martinho Lutero (1483 - 1546) e João Calvino acreditavam que coisas espirituais não deveriam ser representadas, mas que cenas religiosas, caso fossem realizadas, deveriam ser de cunho educativo e não devocional ou de culto.

Uma nova categoria é necessária para que se apliquem os questionamentos acerca da visualidade cristã presente no meio cristão brasileiro, assim como a história da arte realizou por séculos, diante a produção imagética da Igreja Apostólica Romana. Não há questionamento de que exista o interesse de pesquisar campos não-explorados da arte, mas questiona-se a aplicabilidade dos mesmos estudos, levando a iconoclastia em consideração.

O distanciamento da arte visual brasileira e da Igreja Protestante brasileira não deveria interferir na construção de um campo de pesquisa desta visualidade. Há pesquisadores interessados nesta abordagem, tanto da teologia, quanto da história da arte, visto o exemplo da produção acerca da religião protestante e da visualidade, como de James Elkins (1995), que teoriza acerca de imagens que não são arte e da interação da Igreja Protestante com a Arte contemporânea, em seu livro *Art History and Images that are not Art*.

Almejo, então, seguir a pesquisa apontando para as características que se tornaram destaque na Cruz, ao ponto de tornar-se esta um objeto de pesquisa. No que concerne à história da arte, sua abordagem para com a simbologia cristã e o campo de atuação da arte no Brasil, estendo a análise panofskyana sobre a Cruz a fim de estipular se seria esta Cruz uma Imagem, e do que se trata a Cruz na Igreja Batista Vale de Benção no Areal-DF.

O historiador da arte Hans Belting em sua obra *Antropologia da Imagem*, apresenta a Imagem<sup>7</sup> como “mais do que um produto da percepção, surgindo como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva” (2014, p.21). Essa Imagem que se torna mais do que a percepção capta, vai de encontro com a possibilidade de interpretação que a Imagem traz, a partir da possibilidade de interpretação facilitada pelo historiador da arte Erwin Panofsky em sua obra *Significado nas Artes*

---

<sup>6</sup> BARKER, Mary Christine. *A Disquieting Presence: The Virgin Mary In Rembrandt's 'protestant' Art*. Volume I. The University of Auckland. Tese de Doutorado. 2010. p 26. Tradução da Autora.

<sup>7</sup> A partir deste “Imagem” haverá duas formas de interpretação para a palavra: “Imagem” como conceito e “imagem” como palavra comum, identificadas a partir da grafia.

*Visuais (2012)* <sup>8</sup>.

A contribuição de Panofsky para este trabalho se dá não somente pela abordagem metodológica, mas a análise da cruz como elemento artístico se realiza a partir de seu método determinado em seu livro citado no parágrafo anterior. Panofsky é um dos pilares deste trabalho, sendo possível com a contribuição do mesmo, realizar uma análise ampla da cruz.

### **1.1 Hans Belting, Erwin Panofsky, Mary Christine Barker e James Elkins**

Hans Belting (1935) é um historiador da arte alemão especialista em arte medieval, renascentista e sobre o período da Reforma Protestante, bem como sobre a teoria da Imagem e Arte Contemporânea. A escolha de Belting para a composição metodológica deste trabalho de conclusão de curso se dá pela ampla pesquisa do historiador da arte no tema que cerne o objeto: a Reforma Protestante e sua influência na composição artística após este momento histórico.

Belting contribui com o pensamento da história da arte através de um olhar especialista sobre esta temática, fazendo com que pensamentos acerca da cruz possam ser observados pelo leitor ao longo deste trabalho.

Erwin Panofsky conceituou a Iconografia como “ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição a sua forma” (2012, p.47). A partir deste ramo da arte, aborda-se a Cruz como uma Imagem, analisando-a em seu significado intrínseco, para melhor compreensão de sua participação na fachada da Igreja Batista Vale de Benção.

Belting (2014) também discorre sobre a problematização da Imagem como algo que atrai várias interpretações, a depender do método utilizado, seja na escultura, pintura, etc. James Elkins, um renomado teórico da arte, discorreu em sua obra *Art History and Images that are not art* (1995), que a Imagem pode possuir características artísticas e ser uma obra de arte, e como outras imagens, no contexto exterior ao da história da arte, não irão ser tidas como obras de arte.

A Doutora em Filosofia em História da Arte, Mary Christine Barker, contribui como um dos quatro pilares deste trabalho com a compreensão do que seria arte

---

<sup>8</sup> Significado nas Artes Visuais, publicado inicialmente em 1955 é um dos livros do historiador da arte alemão Erwin Panofsky. Teorizando um método de análise de obras de arte, Panofsky exemplifica seu método analisando obras da Antiguidade Clássica e do Renascimento.

protestante. Em um universo onde definições claras e objetivas não são facilmente encontradas, Barker traz um alívio acadêmico para a compreensão do leitor ao se deparar com um termo não comum e diferente do que a história da arte no Brasil está acostumada.

Barker define arte protestante e será utilizada neste trabalho como uma das fontes que corroboram com a tese central e final abordada ao longo deste texto. Como um achado raro, a escolha em selecionar Barker também evidencia a ausência de material brasileiro acerca do tema, ou ao menos, da arte dentro do âmbito protestante.

James Elkins (1954) é um historiador da arte e crítico estadunidense professor do Departamento de História da Arte, Teoria e Crítica da Escola de Arte do Instituto de Chicago (EUA). Sua contribuição para este trabalho é através da união dos dois mundos: arte e religião, onde a arte protestante está inserida como uma especificidade da religião e não uma derivada da arte sacra.

A separação da Arte Protestante como uma arte possível é abordada por Elkins ao analisar que a arte nem sempre se parece arte, ou ao menos, nós historiadores da arte não as visualizamos como tal, por não serem do cânone artístico da história da arte sacra. Elkins contribui com o olhar recente na pesquisa em arte nos últimos 20 anos.

## **1.2 A união dos quatro pilares**

A união dos quatro pilares: Hans Belting, Erwin Panofsky, James Elkins e Mary Christine Barker dão a sustentação necessária para a construção da linha de pensamento deste trabalho. Ao apresentar uma abordagem acerca de uma cruz em um ambiente cristão iconoclasta, a ausência de bibliografia específica sobre o tema é evidente, porém, os quatro pilares escolhidos abarcam e alicerçam o tema de forma sólida e eficiente.

Dos quatro autores, a utilização da metodologia de Erwin Panofsky é a que mais se evidencia ao longo do trabalho, mas os outros três pesquisadores estão em sintonia com o restante do trabalho a ser realizado nestas páginas.

## **1.3 Impeditivo Constitucional**

Três séculos depois da Reforma Protestante, no Brasil, a Constituição Política do Império do Brasil de 1824, no Artigo 5º diz: “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo.”<sup>9</sup>

A Constituição destaca o que acredita, a fé na Igreja Apostólica Romana. Qualquer elemento que seja parecido esteticamente com a Igreja Católica, pode confundir os fiéis. Neste momento, a fé protestante é permitida com ressalvas, no território brasileiro.

Em *Panorama da História Cristã*, o teólogo Hernandes Dias Lopes (2018, p.105) comenta que esta constituição assegura a liberdade religiosa. E quais eram as instituições que prestavam apoio às outras religiões no Império brasileiro? As Igrejas Históricas chegaram ao Brasil a partir de migrações e viagens missionárias, e estas prestavam culto à sua divindade nos locais em que se instauraram, como as casas de pessoas que iam se convertendo à fé protestante.

O autor citado acima também relata a chegada da Igreja Batista a Salvador em 1881:

com os pastores William Buck Bagby e sua esposa, Anne Luther. Junto com o casal também missionário Zacharias Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor e o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, organizaram nessa cidade, em 1882, a Primeira Igreja Batista do Brasil. Hoje [2018] os batistas somam mais de dois milhões de membros em nosso país. (LOPES, 2018, p.105)

O número “2 milhões” pode não considerar as Igrejas Batistas independentes, que são igrejas com a denominação não-vinculada à Convenção Batista Brasileira, e que não seguem os preceitos batistas, mas utilizam-se do nome da igreja apenas como vinculação evangélica.

Entretanto, os templos que foram sendo construídos deveriam ter alguma identificação de que a construção se tratava de uma igreja, um templo dedicado ao Deus judaico-cristão, e que este templo não seria o mesmo que os da Igreja

---

<sup>9</sup> Citação feita do texto original da Constituição Política do Império do Brasil de 1824 com ortografia da época. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm), acesso em 01set2019.

Apostólica Romana. Sua arquitetura, tais como vitrais e esculturas, seguiam os parâmetros de suas Igrejas matrizes, em especial, as Igrejas norte-americanas, que exibem suas plantas de grandes catedrais, vitrais ornamentados e contadores de histórias bíblicas, tais como Igrejas Católicas aqui faziam.

#### **1.4 Impeditivo Teológico**

Neste trabalho, os questionamentos sobre a Cruz iniciam-se nesta pesquisa a partir do período histórico da Reforma Protestante. As Igrejas oriundas e participantes dos ideais da Reforma Protestante acreditam que a Imagem (lê-se ícone) não pertence ao ambiente cristão para adoração, veneração ou culto dos fiéis.

Em *Por que não é lícito atribuir a Deus qualquer figura visível, e por que todos os que recorrem a imagens se revoltam contra o verdadeiro Deus* (1559, p. 62), João Calvino discorre acerca da proibição divina e judaico-cristã da idolatria perante imagens construídas pelo homem e a diferença entre veneração e adoração de imagens por católicos, renegada pela Igreja Protestante a partir da Reforma.

Calvino acredita que:

As artes de talhar e pintar são dons de Deus [...] seu uso deve se manter puro e legítimo. [...] Não considero lícito representar a Deus sob forma visível, porque ele proibiu e também porque sua glória seria desfigurada, e sua verdade, falseada. (CALVINO, 2008, p. 62)

Esta proibição que Calvino relata vem do decálogo<sup>10</sup> e as artes de talhar e pintar como dons de Deus, é referente a Êxodo 35: 30-35 (Bíblia de Jerusalém, 2019. p. 154), onde Beseleel e Ooliab foram cheios do espírito de Deus e de sabedoria para elaborar desenhos, trabalhar ouro, prata e bronze, hábeis em toda espécie de trabalhos e projetos.

#### **1.5 A igreja Batista no Brasil**

Dentre as várias tentativas de evangelização de Batistas no Brasil, a primeira que institucionalizou a primeira Igreja Batista Brasileira foi em 15 de outubro de

---

<sup>10</sup> Decálogo seria outro nome para os 10 mandamentos.

1882, pelo casal de missionários Norte-Americanos Willian Buck Bagby e Anne Luther, na cidade de Salvador (.JUNIOR; SANTOS; 2019, p. 161)..

Até chegar na Igreja Batista Vale de Bênção, mais de um século se passou, e se disseminou a denominação Batista por todo o território nacional, o que facilita com que diversas vertentes da Igreja batista tenham sido criadas.

## **Capítulo 2 - Análise da Cruz na fachada da Igreja a partir de Erwin Panofsky**

### **2.1 Imagens em outras igrejas**

A identificação de templos protestantes é realizada a partir de simbologia cristã e placas com o nome da congregação, como veremos a seguir. Símbolos estão presentes em diversas religiões, e nas Igrejas Protestantes não seria diferente. No século XXI, observa-se a alteração por integração entre palavra e imagem, no que se refere à identificação de templos religiosos de vertente protestante, e isto inclui Igrejas Históricas.

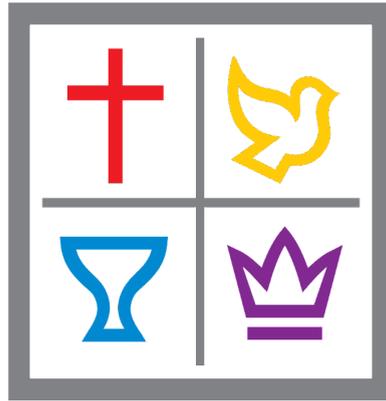
Igrejas históricas como a Igreja Luterana e a Presbiteriana, já utilizam a imagem como identificação de seus templos, em diversas vertentes teológicas. Igrejas neopentecostais<sup>11</sup>, tais como a Igreja Quadrangular (Figura 1), utilizarão os símbolos para identificação imagética<sup>12</sup> de sua Igreja, e também, para demonstrar suas teses principais de fé.

**Figura 1:** Logotipo Institucional da Igreja do Evangelho Quadrangular.

---

<sup>11</sup> Igrejas neopentecostais são igrejas que focam seus cultos em misticismo, retorno financeiro, recuperação de vícios, campanhas diversas e no dízimo do fiel. São conhecidos por seu estereótipo de cristão tradicional (OLIVEIRA, 2019).

<sup>12</sup> Como identificação imagética, refiro-me à identificação de reconhecimento de imagens conhecidas comuns ao indivíduo.



# QUADRANGULAR

**Fonte:** Site da Igreja do Evangelho Quadrangular

A Igreja do Evangelho Quadrangular possui 4 símbolos em sua Logotipo, representados nas quatro doutrinas centrais da Igreja: a Doutrina da Salvação (Cruz), Doutrina do batismo com o Espírito Santo (pomba), Doutrina da cura divina (cálice) e Doutrina da segunda vinda (coroa).

Já a Igreja Metodista (figura 2), além da identificação na logo da Igreja, possui em suas fachadas, a ligação entre Cruz e Chamas:

**Figura 2:** Foto da fachada da Igreja Metodista de Rudge Ramos, Bairro SBC, São Paulo.



**Fonte:** ALBUQUERQUE (2018)

As chamas e a Cruz possuem significados cruzados, onde a Cruz remete ao sacrifício de Jesus Cristo e as Chamas ao “[...] Deus é um fogo abrasador!”(Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 2100), também referenciando-se ao fogo do Espírito Santo.

Igrejas como a Metodista e a Igreja do Evangelho Quadrangular, já utilizam a imagem como identificação de seus templos, como em diversas vertentes teológicas. A presença da imagem na Igreja Protestante é contestada no cenário iconoclasta em alguns casos, mas a iconoclastia seletiva trabalhará a favor destas igrejas.

Para Helmut Renders, Doutor em Ciências da Religião e professor da Universidade Metodista de São Paulo, “constatamos, hoje em dia, justamente nas Igrejas chamadas evangélicas de herança calvinista, uma forte tendência à ressacralização do espaço de culto, de seus líderes e atos.” (RENDERS, 2008, p.

5). Se a Igreja Protestante ressacraliza sua fé, ainda resta a iconoclastia?

O cenário iconoclasta seria um local em que a destruição, a proibição, o preconceito ou outras formas de repulsa pelas imagens sacras seriam praticadas. Iconoclastia seletiva é quando pessoas não questionam imagens sacras ou permitem sua presença em lugares em que frequentam, apesar de proibições teológicas em que acreditam.

Erwin Panofsky, historiador da arte alemão, irá desenvolver em sua obra *Significado nas Artes Visuais*, desde a conceituação de obra de arte até a análise de obras consideradas importantes na história da arte. A partir do uso da Iconologia e Iconografia, Panofsky estipula um método a ser aplicado ao analisar uma obra de arte. Esta é a aplicação do método na Cruz da fachada da Igreja Batista Vale de Benção no Areal-DF.

Primeiramente, iniciamos com a compreensão de que, como dito no capítulo anterior, a Cruz se encontra em um ambiente iconoclasta em teoria, e que o símbolo da Cruz não é visto como objeto a infringir a lei de adoração de Imagens, citado em Êxodo 20:4 (Bíblia de Jerusalém, 2019, p.136), que diz: "Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra". Este versículo dita a lei de Deus para os judeus no período do êxodo do Egito<sup>13</sup>.

Esta lei é seguida, assim como as outras leis dos 10 mandamentos de Deus, descritos no mesmo capítulo, por cristãos protestantes, em especial, brasileiros, considerando que este é o recorte da pesquisa.

Para os cristãos protestantes, o que qualifica uma imagem para a iconoclastia, é a sua forma e utilização, que fere os princípios bíblicos de não-representação do divino. Ao criar uma imagem que representa uma figura da história cristã ou uma das pessoas da Trindade (Deus, Jesus Cristo e Espírito Santo), o coração caído do homem transforma a interação com a imagem em idolatria, por querer adorar o que vê.

O cristão protestante comum pode não chegar a cumprir a iconoclastia, porém, em seu conhecimento teológico, repassado em pregações e estudo bíblico, interpreta que a utilização destas imagens é incorreta.

---

<sup>13</sup> Nos séculos 6-5 a.C., hebreus que eram escravizados por egípcios fugiram para o deserto por 400 anos. Este período é conhecido e retratado no livro bíblico chamado Êxodo.

Calvino cita que “De fato, as pinturas ou estátuas que dedicam aos santos, o que são mais do que corruptíssimos exemplares de luxúria e obscenidade?” (CALVINO, 2006, p. 106), destacando que, para ele, e conseqüentemente, para a Igreja Protestante, as obras de Santos utilizadas pela Igreja Católica geram pecados, como o da luxúria, obscenidade e idolatria.

O que Calvino acreditava que era o papel da arte na época, no que diz respeito a utilização da arte dentro da Igreja, é:

Resta, portanto, que se pinte e esculpa somente aquilo que está ao alcance dos olhos, de sorte que a majestade de Deus, que paira muito acima da percepção dos olhos, não se corrompa mediante representações descabidas e fantasiosas. Nesta classe de elementos que se podem representar pela arte estão, em parte, histórias e fatos acontecidos; em parte, imagens e formas corpóreas sem qualquer conotação de eventos consumados. (CALVINO, 2006, p. 112)

Calvino defende o uso das artes em obras que não representem Deus ou algo que possa ser adorado. A visualidade deve servir de *deleite* (CALVINO, 2006, p. 112), não ultrapassando o limite da adoração.

Faz-se necessário entender a Cruz como um elemento a ser estudado pela história da arte por se tratar de um símbolo caro à tradição da imagem sacra. As representações de cruces possuem incontáveis reproduções, de diversos artistas, e em sua maioria, trata-se de um momento em específico, especial para os fiéis de religião judaico-cristã. Este momento relata a crucificação de Jesus Cristo, portanto, utilizando a Cruz como forma de morte da figura divina, exemplificado em representações, não apenas escritas, como na Bíblia, mas visuais.

Início então, a análise da Cruz que se encontra na fachada da Igreja Vale de Benção no Areal-DF:

## 2.1 Análise Iconográfica e iconológica da Cruz

**Figura 3:** Foto da Igreja Batista Vale de Bênção-DF



**Fonte:** Autora, 2017.

A partir da leitura do historiador da arte Erwin Panofsky, realizo, ao decorrer do texto, as três etapas da análise desenvolvida pelo historiador da arte, utilizando o método iconológico e iconográfico. Primeiramente, é necessário compreender, além da análise, as terminologias utilizadas no texto e aqui, utilizando “A identificação de tais imagens, estórias e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por ‘iconografia’” (PANOFSKY, 2012, p. 51).

Na análise iconográfica, a Cruz irá revelar sua história a partir da descrição que faço utilizando fotografias como meio acessível ao leitor, para a compreensão visual do que cito no texto. Na análise iconológica, como diz Erwin Panofsky (2012, p.54): “ Iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise.”.

Começo então, a análise a partir da Figura 3. Como nível primário da análise, observa-se que se trata de uma fotografia de uma construção arquitetônica, pintada em quatro tonalidades: bege, amarelo, branco e vermelho.

Por se tratar de uma fotografia lateral da construção, visualiza-se três janelas frontais e 3 janelas laterais, contando com uma porta lateral e uma porta frontal, que

se encontra atrás de uma parede, na perspectiva de quem visualiza a construção pelo ângulo frontal. Essas são as impressões primárias a partir da Figura 3.

O objeto de estudo na perspectiva da história da arte aqui analisado, é a Cruz formada pelas duas paredes frontais, que se encontram em determinado ângulo, a partir da perspectiva de quem observa a construção pela parte frontal. Esta Cruz possui tonalidade vermelha, cor que se destaca das demais escolhidas para a fachada da Igreja.

Tendo em vista que a Cruz se encontra na parte frontal, dou partida a estruturação das possibilidades da mesma estar neste contexto. Portanto, a sentença de Panofsky (2012, p. 58) afirma que:

A análise iconográfica, tratando das imagens, estórias e alegorias em vez de motivos, pressupõe, é claro, muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que adquirimos pela experiência prática. Pressupõe a familiaridade com temas específicos ou conceitos, tal como são transmitidos através de fontes literárias, quer obtidos por leitura deliberada ou tradição oral. (PANOFSKY, 2012, p. 58)

Segundo a familiaridade que obtive, das construções que possuem Cruzes presentes na parte frontal, sua maioria tratam-se de Igrejas cristãs. Dado este primeiro elemento, considera-se que esta construção da Figura 3 seja uma Igreja também. Entretanto, resta a dúvida sobre qual vertente religiosa esta Igreja pertence, que se segue o nível secundário da análise da Cruz.

Para que esta Igreja seja identificada como uma Igreja Apostólica Romana, ou um templo da Igreja Protestante, por exemplo, necessita-se de outros elementos, não-visíveis na Figura 3. A presença da Cruz pode gerar a dúvida entre as duas vertentes religiosas, devido a utilização do símbolo pelas duas, tanto no interior quanto no exterior de seus templos, assim como reproduções midiáticas de divulgação e em suas fachadas, como o logotipo de suas Igrejas.

Como citado no primeiro capítulo, as cruzes são utilizadas como identificação de fachada de Igrejas Protestantes como a Igreja Metodista na Figura 2. Não apenas na arquitetura da Igreja, mas também no logotipo das Igrejas, como demonstra a Figura 1, em Igrejas como a Igreja do Evangelho Quadrangular, congregação neopentecostal brasileira.

Seja ela pentecostal, histórica ou neopentecostal, as Igrejas brasileiras precisam de algo que as identifique como tal. Utiliza-se da visualidade para esta identificação, diante da crescente variedade de Igrejas Protestantes no território brasileiro. As identificações se tornam singulares em alguns casos, incluindo a criação de identidade visual rapidamente identificável, como no caso da Igreja Universal do Reino de Deus (Figura 4).

**Figura 4:** Foto da Identidade visual da Igreja Universal do Reino de Deus.



**Fonte:** Site da Igreja Universal do Reino de Deus.

A imagem com a pomba branca dentro do coração vermelho, é responsável pela rápida identificação do templo em se tratar de uma congregação da Igreja Universal do Reino de Deus. Por sua ampla atuação no Brasil, em diversas cidades, esta imagem pode ser identificada por brasileiros, devido sua presença não só nas cidades, mas também na mídia.

Sendo assim, como podemos visualizar a Cruz, objeto desta pesquisa? Um outro ponto a ser observado aqui é a outra forma de identificação da Igreja. A congregação utiliza uma fachada com o nome da Igreja e um logotipo, assim como as citadas anteriormente. A identificação é a partir de um símbolo de um peixe, com os dizeres “Igreja Batista Vale de Benção Ministério Pr. Darckson Lira” (Figura 5).

**Figura 5:** Foto da Placa de Identificação da Igreja Batista Vale de Benção no Areal-DF



**Fonte:** Autora, 2017.

Claudio Pastro, em *A Arte No Cristianismo*, descreve o Peixe, símbolo cristão, de forma a considerar o histórico da religião cristã desde o seu início:

Peixe: Elemento vital associado à água e, para muitos povos, simboliza, ao mesmo tempo, a fertilidade e a morte, assim como a vida e fecundidade. O peixe é um dos mais antigos símbolos secretos do Cristo, a princípio relacionado sobretudo com a água do batismo; mais tarde, a palavra grega *ichtys* = peixe, foi interpretada a partir das iniciais como “Jesus Cristo, Filho de Deus, o Salvador”. Os cristãos batizados também eram comparados a peixes renascidos por meio da água do batismo. [...] É alimento constante do Cristo em suas aparições depois de ressuscitado. (PASTRO, 2010, p. 57)

Esse peixe é um dos alimentos presentes na Bíblia, usado principalmente por Jesus Cristo, como também em referências como Mateus 4:19, onde Jesus Cristo chama Pedro e André para serem pescadores de homens.

Esta identificação utiliza-se de imagem e palavra, que juntas, servem ao propósito de identificação imagética da Igreja, assim como informativa. Logo ao lado do portão da Igreja Batista Vale de Benção, a placa não é a parte central da Identificação da Igreja, no que diz respeito a visualização imagética. A Cruz carrega este cargo de identificação imediata da congregação. Esta identificação usando um peixe, pode ser vista como um “recuperar raízes”, trazer à memória algo que lhe dá esperança<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Adaptação do versículo de Lamentações 3:21. (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 1467)

Uma das razões pelas quais a Cruz será vista como elemento identificatório da Igreja, é pela tradição em templos religiosos de se colocar símbolos cristãos em fachadas de Igrejas. Sendo assim, podemos aceitar que aqui, se trata de tradição imagética.

Ainda assim, algumas questões são levantadas a partir da presença desta Cruz na Igreja Batista Vale de Benção: Seria então, um ambiente iconoclasta por possuir uma Cruz? No interior da Igreja não há imagens de Santos ou outro formato de imagem cristã além da Cruz na fachada da Igreja. O que torna então esta Igreja, iconoclasta?

Segundo Calvino, nas *Institutas*, podemos compreender que o ponto de vista cristão é diferente do que é praticado na Igreja. João Calvino (2006, p.104) descreve que:

Deve-se notar, porém, que não se proíbe menos uma gravura do que uma imagem esculpida, com o quê se refuta a improcedente ressalva dos gregos. Pois pensam que se portam esplendidamente, se não fazem representações esculturais de Deus, enquanto se esbaldam em gravuras mais desabridamente que quaisquer outros povos. O Senhor, entretanto, proíbe não apenas que lhe seja talhada imagem por estatuário, mas ainda que lhe seja modelada representação por qualquer sorte de artífice, porquanto é, com isso, afeiçoado em moldes inteiramente falsos e com grave insulto de sua majestade. (CALVINO, 2006, p.104)

Se, segundo Calvino (2006), nenhuma forma de imagem é aceita, como podemos visualizar tantos casos de símbolos cristãos em Igrejas Protestantes no Brasil? Pode-se compreender a complexidade da Igreja Protestante no Brasil, ao observar que a Igreja se mesclou com outras crenças e desfragmentou-se em outras vertentes religiosas que possuem questões prioritárias a serem abordadas pelos fiéis e pela congregação.

Antonio Gouvêa Mendonça, Filósofo pela USP, autor de livros como *Introdução ao Protestantismo Brasileiro* e *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, teoriza sobre a Igreja Protestante, da qual a Igreja Batista Vale de Benção no Areal-DF faz parte. Mendonça (2008, p.79) conceitua em sua obra, *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos*:

(...) entendemos por “protestante” ou “protestantismo” todo o conjunto de instituições religiosas surgidas em consequência da Reforma religiosa do século XVI nas suas principais vertentes que são a luterana e a calvinista e que procuram manter os princípios básicos que formam o princípio protestante da liberdade: a justificação pela fé, a sola scriptura, o livre exame e o sacerdócio universal dos crentes.(MENDONÇA, 2008, p.79)

A Igreja Batista Vale de Benção faz parte da Igreja Protestante como Mendonça (2008) categoriza, porém, existem algumas características desta igreja que a distinguem do todo, colocando-a em uma subcategoria protestante brasileira. Ao observar o dia a dia da Igreja, a forma de pregação, crenças compartilhadas e campanhas como “Corredor de Fogo”, “Semana Profética” e “Campanha do Jejum das Liberações Impossíveis”, identifica-se elementos presentes em Igrejas de outra categoria protestante: Igrejas Neopentecostais.

Com a ampliação do protestantismo após a Reforma Protestante, muitas vertentes foram criadas ao redor do mundo. Dentre as Igrejas Reformadas, surgiu a Igreja Batista. A Igreja Batista Vale de Benção, apesar do nome “Batista”, não incorpora os preceitos e não participa da Convenção Batista Brasileira, organização que regula as Igrejas Batistas descendentes do movimento.

A Cruz é amplamente estudada na história da arte, mas analisá-la utilizando o contexto da Igreja Católica não é o mesmo que o da Igreja Protestante pois, apesar da origem ser a mesma, as diferenças entre as religiões são decisivas sobre as questões da Imagem.

Segundo Pasto (2010, p.209) em sua obra *Arte no Cristianismo*, a Cruz é,

o símbolo da Redenção Universal, Reconciliação e da Paz (Ef 2,14-17 e Cl 1,19-20). É a VITÓRIA DA VIDA. Um HOMEM-DEUS (Jesus) esteve ali de BRAÇOS ABERTOS, num gesto de reconciliação e confraternização. Um HOMEM-DEUS (Jesus) uniu em si os dois extremos, como as traves em que esteve pregado.<sup>15</sup> (PASTRO, 2010, p.209)

---

<sup>15</sup> Grafia de acordo com o texto original.

O significado da cruz é participante da construção imagética gerada em torno da cruz. Ao ver a cruz se formar, o que lembramos? Podemos citar dois versículos bíblicos que remetem ao formato da cruz da Igreja Batista Vale de Benção: João 10:9 e João 14:6. São eles:

“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem.” João 10:9 (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 1869)

“Disse-lhe Jesus: ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim’.” João 14:6 (Bíblia de Jerusalém, 2019, p. 1879)

Por que essa Cruz se forma? Qual foi a intenção do autor da ideia da Cruz? Esta apoteose, no momento de encontrar a cruz, que é explícito no encontro pessoal e intransferível com Jesus Cristo, momento esse que chamam de conversão, “convergir ao caminho certo”. A metáfora de Cristo como porta/caminho, exemplificada nos dois versículos acima citados, é o momento do êxtase cristão: Encontrar redenção ao atravessar a porta e percorrer o caminho de Cristo.

O significado intrínseco à Cruz está alinhado à religião, o qual faz parte, neste caso, o Cristianismo. Este significado trará consequências para a utilização e atuação da Cruz sobre a sociedade em que está inserida, em imediato, a sociedade do Distrito Federal, Brasil.

As igrejas se constroem a partir da demanda em que é realizada. Algumas serão criadas a partir de construções prévias e outras obterão o projeto arquitetônico desenvolvido pensando nas funcionalidades e necessidades de uma igreja, independentemente de sua denominação (FELZEMBURGH; GOMES; FIALHO, 2003.).

Hoje em dia, a arquitetura de Igrejas Protestantes é tão variada que pode-se encontrar várias linhas de fachadas e projetos arquitetônicos, variando conforme região, denominação religiosa e quantidade de membros.

Pessoas se sentem atraídas ao ponto de frequentarem a Igreja Batista Vale de Benção e se tornarem membros por anos, ao serem chamadas inicialmente pelo olhar atraído do encontro da Cruz ao subir a Avenida Vereda da Cruz.

Atualmente, a Igreja se encontra com a pintura renovada (Figura 6)<sup>16</sup>, com a tonalidade do vermelho voltado para o vinho ao invés de sangue, em contraste com

---

<sup>16</sup> A Cruz se forma em um ângulo perfeito ao olhar nu. Em fotografia, é difícil conseguir captar o momento perfeito em um ambiente seguro, pois a rua é movimentada com carros em um lugar apto para tal registro.

o branco que o envolve e o bege das paredes em volta. A placa (Figura 5) que nomeava a denominação foi removida, o que pode ou não afetar a identificação do templo para com a denominação em que o mesmo pertence.

**Figura 6:** Fotografia da Igreja Batista Vale de Benção - Areal-DF



**Fonte:** Autora, 2021.

A figura 6, mesmo que em um ângulo não tão perfeito, capta o que o capítulo 2 procura ao final realizar: isto é uma cruz! E que cruz? É a cruz que se encontra, diferente de tudo e todos, ela se encontra em um momento único, onde só o expectador, pessoalmente a irá achar. Não através de uma fotografia, mas pessoalmente.

A cruz te capta, te sequestra, desde o primeiro vislumbre até o desmanche. Por não ser completa, até que o olhar do expectador a forme, ela potencializa a criação do imaginário. No final da análise, temos uma cruz familiar. Sabemos seu

significado, sabemos sua história. Ela é a cruz de Jesus Cristo, filho de Deus, que morreu e em três dias ressuscitou por seus fiéis.

Ela também é a cruz que foi representada por séculos por inúmeras cores, em formatos variados, utilizada em situações diversas. Como objeto religioso, a própria religião irá nos dizer, a variar de qual se fala, como cada uma irá tratar a cruz.

O fiel irá lidar com a cruz a depender de sua conexão. O brasileiro irá lidar com a cruz vermelha do Areal de acordo com a sua escolha. E a história da arte? Como irá lidar com o conhecimento lacunar que ainda nos resta, acerca da pesquisa em arte protestante brasileira?

É de interesse da própria história da arte que desenvolvam pesquisas que interajam com outras áreas, como arte e filosofia/arte e religião, que estão surgindo dentro das universidades com certa frequência, o que contribui para a diversidade do conhecimento.

### **Considerações Finais** Capítulo 3 - Imagem da cruz: A cruz para além da obra de arte

Ao escolher um tema para o trabalho de conclusão de curso, procurei algo que me interessasse e me motivasse ao longo da construção do texto. Considero que este tema me escolheu, devido à proximidade do tema com a minha vivência e o desafio de construir o trabalho com a ausência de bibliografia brasileira acerca do objeto de estudo, pois estes desafios sempre me encontraram.

Ao longo da minha jornada na graduação, procurei me aproximar de abordagens que se aplicavam à religião e arte. Experimentei tudo o que me foi ofertado. Frequentei diversas disciplinas, inclusive fora do departamento de Artes Visuais, para mergulhar no que a Universidade poderia me fornecer que enriqueceria minha formação.

Um dos autores dos quais me aproximei foram Erwin Panofsky, o qual me apresentou o termo iconografia e James Elkins, o qual conversou comigo e me

instigou a continuar pesquisando mais sobre arte protestante, me dizendo que eu estava apenas na superfície da questão.

Em 2017, com os 500 anos da Reforma Protestante, decidi dedicar-me à pesquisa da Arte Protestante como carreira acadêmica. Comecei a produzir ao longo dos anos seguintes e encaminhar-me para este Trabalho de Conclusão de Curso e finalmente, aqui estou.

A Cruz sempre me instigou. Não apenas como pesquisadora, mas como alguém que observa a Cruz desde que nasceu. Seu poder sobre a história da igreja e sua atuação visual nos templos católicos e protestantes faz qualquer historiador da arte que gosta de arte sacra se interessar.

Além disso, a função da Cruz é sobrenatural e a arte também se interessa pelo imaterial. Em minhas disciplinas do curso, aprendi que a história da arte está preparada para expandir seu campo de estudo e atuação para além do que ela está confortável e atuante por tanto tempo até hoje.

A análise da Cruz na Igreja Batista Vale de Benção é uma contribuição inicial que procura abrir o caminho para mais pesquisas sobre arte protestante no Brasil, mostrando que este é um campo rico e fértil, pois as denominações protestantes brasileiras no Brasil crescem a cada dia e são divergentes no que tange a arte e a visualidade.

As várias abordagens do que a arte protestante pode ser não são apenas o que se espera ao ouvir o termo. Ao observar a linha de pesquisa internacional, podemos ter um vislumbre da imensidão cultural que a intersecção com a religião protestante a arte pode fornecer.

Mary Christine Barker com sua definição de Arte Protestante, abre um caminho para a compreensão do tema e sua aplicabilidade do conceito na arte brasileira. Mesmo que não se encontre literatura abrangente de pesquisadores brasileiros, existe a plausibilidade para a investigação do tema introduzindo estes conceitos, como uma forma de ampliar o campo de pesquisa.

Hans Belting contribui com sua percepção de que a arte e a religião estão interligadas na história da arte, compreendendo o papel da imagem e seu poder ao transformar uma obra de arte em objeto de estudo.

Erwin Panofsky acrescenta ao trabalho, sua percepção objetiva sobre a obra de arte, o que possibilita um olhar organizado em etapas a serem conquistadas, de forma a desdobrar possibilidades de interpretação do objeto de estudo, a cruz.

Estes autores garantiram a capacidade de coletar conhecimento e aplicá-los, utilizando método de análise artístico para interpretar a cruz, seu uso e seu objetivo. A arte, como um todo, sempre tende a ganhar com o estudo de obras como essa.

Esta Igreja, que abriga a Cruz, objeto deste TCC, é uma das incontáveis igrejas que despertam a sociedade com um elemento artístico. Igrejas mundo afora servem de ponto turístico ou até ponto de referência independentemente de sua religião, como por exemplo, a Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro. Esta é mais uma forma da arte chamar a atenção.

A Igreja Batista Vale de Benção possui a cruz, objeto desta pesquisa, mas é importante salientar que apenas a cruz está diante da análise deste trabalho. A arquitetura cristã possui diversas características interessantes a serem estudadas pelo campo científico, mas detenho-me, neste projeto inicial, apenas a presença da cruz.

Em um projeto futuro, é possível que outras igrejas protestantes brasileiras, com a presença de cruces ou não, sejam incluídas na pesquisa em arte protestante brasileira. Muitas destas igrejas possuem, além de caráter artístico, histórico e espiritual, o que poderá contribuir para a análise não só artística, mas também social de uma comunidade massiva no Brasil.

Desejo com este trabalho fazer o mesmo: chamar a atenção de outros pesquisadores e futuros pesquisadores para este campo: a arte protestante. No Brasil, podemos contribuir para a já estabelecida arte sacra e arte religiosa brasileira, através da pesquisa de obras arquitetônicas, pinturas, dentre outras.

## REFERÊNCIAS

BARKER, Mary Christine. **A Disquieting Presence**: The Virgin Mary In Rembrandt's 'protestant' Art. Volume I. The University of Auckland. 2010. Tese de Doutorado. Pg 26. Disponível em: <https://researchspace.auckland.ac.nz/handle/2292/6349>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

BELTING, Hans. **A Verdadeira Imagem**. Dafne Editora: Porto, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Bíblia Sagrada**. Editora Paulus. Nova edição, revista e ampliada, 2019.

BRASIL, **Constituição Política do Império do Brasil de 1824**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm). Acesso em: 01 de setembro de 2019.

CALVINO, João. **As Institutas**. Vol 1. Trad. Waldir Carvalho Luz. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CALVINO, João. **Qu'il n'est licite d'attribuer à Dieu aucune figure visible et que tous ceux qui se dressent des images se révoltent du vray Dieu** in *Institution de la religion chrestienne*, texto francês publicado em 1559, traduzido da edição latina de 1536. Apud LICHTENSTEIN, Jacqueline. Org. *A Pintura: Textos Essenciais*. Vol. 2. *A teologia da imagem e o estatuto da pintura..* Apres. Jean-François Groulier. São Paulo, SP: Editora 34, 2008. p. 62.

COSTA, Graciete Guerra da. **As Regiões Administrativas do Distrito Federal de 1960 a 2011**. Tese (Doutorado). Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília: 2011.

ELKINS, James. **James Elkins**. Disponível em: <http://jameselkins.com/#page2>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

ELKINS, James. **Art History and Images that are not art**. The Art Bulletin, Vol. 77, No. 4 (Dec., 1995), pp. 553-571). Publicado por College Art Association. Disponível em:

[http://www.jstor.org/stable/3046136?seq=1&cid=pdf-reference#references\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/3046136?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents). Acesso em: 19 de Outubro de 2017.

Foto da Identidade Visual da Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/home/>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

FREEDBERG, David. **Iconoclasm**. University of Chicago: Chicago, 2021.

GONÇALVES, Rafael Bruno. PEDRA, Graciele Macedo. **O Surgimento das Denominações Evangélicas no Brasil e a Presença na Política**. Diversidade Religiosa, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 69-100, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/35858>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo IBGE CENSO 2010, Religião**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 11 de outubro de 2021.

JUNIOR, Paulo Jonas dos Santos. SANTOS, Vinicius Silva dos, **A História da Igreja Batista no Brasil: Liturgia, Preceitos e Doutrinas**

Tear Online | São Leopoldo | v. 8 n. 2 | p. 157-167 | jul-dez. 2019. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/3914>. Acesso em: 08 de junho de 2022.

LOPES, Hernandes Dias. **Panorama da história cristã: a intervenção divina na história.** São Paulo: Hagnos, 2018.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Protestantes, Pentecostais & Ecumenicos.** Org. Leonildo Silveira Campos. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Geraldo José de. **Religião Neopentecostal: o desafio da convivência na diferença.** Revista Interações. V. 14 Ed. 25. Pg. 117-144. Jan-Jun, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/19999>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais.** Trad. Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RENDERS, Helmut. **O fundamentalismo na perspectiva da teoria da imagem: distinções entre aproximações iconoclastas, iconófilas e iconólatras às representações do divino.** Estudos de Religião, Ano XXII, n. 35, 87-107, jul/dez. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/174>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

RENDERS, H.; ALBUQUERQUE, A. L. **Cruz e Chamas como logotipo, ornamento, arte litúrgica e símbolo religioso.** Estudos de Religião, v. 32, n. 1 • 159-190 • jan.-abr. 2018 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/8475/6120>. Acesso em: 30 de março de 2019.

ROSA, Angelo de Proença et. al.,. **Victor Meirelles de Lima** (1832-1903). Pref. de Alcídio Mafra de Souza. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

SERRA, Antônio Roberto Coelho. **A Mercantilização do Sagrado**: um estudo sobre a estruturação dos protestantismos brasileiros. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

WIKIPEDIA. **Hans Belting**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hans\\_Belting](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Belting). Acesso em: 05 de abril de 2021.

**Imagem da fachada da Igreja Quadrangular**. Site da Igreja Quadrangular. Disponível em: <http://www.portalgrejaquadrangular.com.br/portal/parasuaigreja-identidadevisual.aspx>, Acesso em: 01 de setembro de 2019.

Felzemburgh, Maurício; Gomes, George; Fialho, Elisa. **Novas Igrejas Protestantes**: um programa arquitetônico? *Arquitextos*. **039.05** ano 04, ago. 2003. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.039/661>. Acesso em 08 de junho de 2022.